

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

FELIPE MOTA DOS SANTOS

**RELATO DE EXPERIÊNCIA: TRILHANDO O CAMINHO DE RETORNO ÀS
ORIGENS**

ITABERABA - BA
2022

FELIPE MOTA DOS SANTOS

**RELATO DE EXPERIÊNCIA: FAZENDO CAMINHO DE RETORNO ÀS
ORIGENS**

Trabalho de conclusão apresentado como requisito para a obtenção de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia.

Orientado pela professora Izabel Dantas Menezes.

ITABERABA - BA
2022

FELIPE MOTA DOS SANTOS

**RELATO DE EXPERIÊNCIA: FAZENDO CAMINHO DE RETORNO ÀS
ORIGENS**

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Pedagogia
Universidade do Estado da Bahia

Graduando Felipe Mota dos Santos

Orientadora: Izabel Dantas Menezes

Avaliador: Prof. Dr. Ariosvaldo Santiago

Avaliadora: Prof. Dra. Maeve Mascarenhas Cerqueira

AGRADECIMENTOS:

Peço a benção a minha mãe dona Maria Angélica Mota de Jesus, e as mulheres da minha família que são desde que me recordo as mais vivas presenças na minha vida e retratam nas minhas memórias

Peço a benção a minha bisavó Joventina que primeiro me despertou os recortes de histórias que embasaram as anotações da Residência Pedagógica (RP) e que quando viva sempre abençoa-me a cabeça com seus: "Deus abençoe!"

Peço a benção a professora Izabel Dantas Menezes, mestra griô, professora afetuosa por meio de quem foi possível a realização das vivências do Núcleo Sabenças Passadas (NSP).

RESUMO:

O presente trabalho tem por objetivo descrever e analisar a vivência de formação, as descobertas e contribuições compulsadas durante a experiência de enquanto graduando em curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) do Campus XIII, residente no programa de Residência Pedagógica (RP) do Núcleo Sabenças Passadas (NSP), vivenciar uma prática docente assentada em contação de histórias de tradição oral, rodas de cultura, norteadas a partir da Pedagogia Griô, e como essa vivência despertou questões em torno de identidade, ancestralidade e memória. Buscou-se na metodologia de pesquisa qualitativa descritiva analítica um diálogo epistemológico por meio do relato de experiência. Sustentado em reflexões que integram argumentação com a teoria e as experiências vivenciais enquanto vigeu as atividades e reuniões do NSP. O diário de campo, planos de aula, e as anotações, enquadram os meios de registro. A plataforma online Microsoft Teams representou o local pelo qual as atividades do Núcleo Sabenças Passadas (NSP) foram possíveis e passíveis a presente análise. Acontecendo no período de Novembro de 2020 a Abril de 2022. Foi demonstrado que as contações de histórias de tradição oral, as rodas de cultura, compreendidas a partir da Pedagogia Griô, aproximam identidade, ancestralidade e o resgate de epistemologias não hegemônicas.

Palavras-Chave: educação, pedagogia griô, tradição oral, cultura, conhecimento.

SUMÁRIO:

1 INTRODUÇÃO	7
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	9
3 NÚCLEO SABENÇAS PASSADAS (NSP)	11
3. 1 O contexto histórico	12
3. 2 O núcleo	12
3. 3 Sabenças passadas	14
4 ÁGUAS PARADAS, ÁGUAS PROFUNDAS	15
4.1 A beira das margens.	17
4. 2 Um espelho na superfície	20
4. 3 Mergulho no reflexo de mim	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
6 REFERENCIA:	31
7 APÊNDICE	33

1 INTRODUÇÃO

A educação é uma experiência social, segundo a define Paulo Freire (2018, pp. 33-34) os sujeitos de um determinado contexto social produzem conhecimento e esse conhecimento extingue quaisquer possibilidades de uma pré-definição irreversível dos lugares sociais dos sujeitos em sociedade. Sendo o homem um ser que reflete sobre si mesmo e compreende-se inacabado. Ou seja, os conhecimentos das pessoas desde as primeiras luzes da vida familiar até os processos de uma escolarização sistematizada compõem conhecimentos válidos (VIGOTSKI, 2001). A sociedade não se divide entre os homens que nasceram para refletir e os que nasceram para a ação como acreditava Durkheim (1922, p. 26) para quem o indivíduo é fruto, produto, resultado acabado de seu meio social. As experiências sociais têm apontado para outros caminhos que superam essa visão determinista, que desconsideram as múltiplas epistemologias.

A cultura, por exemplo, está intimamente ligada com a formatação de uma epistemologia ou de múltiplas epistemologias que geram o conhecimento válido (SANTOS; MENESES, 2009). A compreensão da palavra epistemologia não mais como a encarava os gregos qual seja busca por meio dos mitos e da racionalidade do conhecimento dos fenômenos da verdade mas no sentido de superação das desigualdades de poder, das influências do colonialismo, que agiram decisivamente sobre epistemologias desconsideradas. Nas discussões de Boaventura de Sousa Santos (1995) epistemologias do Sul, que elas existem, que é possível aprender a ir até elas, e aprender a partir delas.

O rigor metódico por isso assenta-se em práticas concretas da experiência social que quando relatadas coadunam em diálogo com a literatura, caminhos para uma melhor compreensão dos expostos teóricos (FREIRE, 2017, p.47). As diretrizes desse trabalho, por sua vez, obedecem a estrutura do método científico: Relato de Experiência, sua abordagem possui objetivos que serão destrinchados dentro de contingências temáticas e sub-temáticas (SEVERINO, 2012, p.178). Tendo essa modalidade surgido a partir das constantes exigências como parte da conclusão dos períodos de estágios, grupos de pesquisa, residências acadêmicas e outros programas de fomento, está conjugada sempre pela prática efetiva de seus processos e recursos (SEVERINO, 2012, p.178).

Esse Relato apresenta um estudo reflexivo em torno de práticas vivenciais, experienciais, que versou em torno de alguns nortes importantes tais como Tradição Oral entendido pela UNESCO (1980) como uma metodologia de ação teórico-prática que abrange muitos dos processos de conhecimento cultural e humano dos povos originários da África; a cultura popular dos povos do Brasil em estreita relação com a Educação, Afetividade, e superação epistemológica, social e relacional de resgate como a estudou Lilian Pacheco (2015) em Pedagogia Griô, em Rolando Toro (2002) e sua abrangente compreensão dos recursos que compreendem a vida, e seu constante movimento. Orientou-se também pela linha de uma busca indetentária que não poderia estar dissociada da ancestralidade por tudo que já foi exposto acima.

Marie Christine Josso (2002), Magda Soares (2001) e Paulo Freire (1995), desenvolveram cada um em estilo particular vivencial e por isso mesmo biográfico trabalhos que inspiraram as reflexões desse relato no sentido em que tratam de esmiuçarem na escrita de si, na memória, na formação indetentária os processos pelos quais formaram-se sujeitos históricos.

O texto nasce, pois, das anotações que a prática semanal e o convívio em grupo (apesar de online no período entre os anos de 2020 a 2022) no Programa Institucional de Iniciação da Docência (PIBIDI) por sua vez um braço da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio do Edital Nº 034/2020 do Programa de Residência Pedagógica (PRP) vinculado ao Departamento de Educação do Campus XIII da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) a Residência Pedagógica (RP), possibilitou no quadro regional em questão a formação e manutenção do Núcleo Sabenças Passadas (NSP), pensado e orientado pela professora e mestra griô Izabel Dantas de Menezes.

O breve apanhado traça as linhas definidoras desse trabalho no esforço científico de mesclar experiência cultural empírica, ancestral, indetentária com pressupostos políticos, filosóficos e educacionais. Os objetivos do trabalho abrem-se para questões que surgiram no percurso das atividades do Núcleo Sabenças Passadas (NSP) e o despertar que sua metodologia de ação ligada ao universo de epistemologias da Pedagogia Griô possibilitaram. A primeira dessas questões centra-se na descrição das experiências com histórias de tradição oral que intermediaram no processo de reconexão com uma herança ancestral antes insuspeita. A segunda questão coube analisar como e por que meios, essas

histórias de tradição oral aproximaram e mesmo conduziram a imersão na herança ancestral.

O preparo para uma contação de história realizar-se pode também ajudar a defini-la, porque cada cultura possui experiências sociais diversas e por isso um processo de contação de história diverso apesar de algumas similaridades nunca é igual. A. H. Hampâté-Bâ (1980, p. 25) estudioso africano da tradição oral demonstra que as histórias são mais do que narrações de fatos e peripécias de personagens inventados ao bel prazer do contador, sobretudo nas culturas onde ainda é viva a tradição oral como documento da história de seu povo. Conceituar as contações de histórias a partir de seus processos significa avançar sobre preconceitos arraigados pela tradição livresca europeia, colonizadora, que impôs ou tentou impor uma epistemologia em tudo estranha as já existentes nos povos de origem (SANTOS; MENESES, 2009).

No Brasil alguns estudiosos debruçaram-se por esmiuçar esses processos nas vivências empíricas como Gislayne Avelar Matos (2009) que através de seus estudos instrumentalizou algumas das práticas de contação, sobretudo na fortificação do entendimento de “Poder da Palavra”. No contexto escolar educacional as contações de histórias assumem a possibilidade imaginativa de vivência com a ética, moral, e o prazer de usufruir de um meio de aprendizagem diverso do tradicional.

Ainda A. H. Hampâté-Bâ (2010), Márcio Caires (2014/15), testemunham o quanto a palavra nos povos africanos é a origem, – em todas as partes onde se contam histórias de tradição oral a força da palavra evoca memórias, sensações, práticas, ensinamentos, compreendendo um patrimônio, uma herança ancestral. As contações de histórias estão para a tradição oral como o peixe para a água e ambos numa relação dialógica confirmam o caminho de retorno às origens, ao subjetivo, ao indentitário, a ancestralidade. Nesse sentido os pontos de encantamento, rodas de benção, integração, contação e compartilhamento de vivências práticas manuais, baseadas nas trilhas da Pedagogia Griô (PACHECO, 2015), pavimentam esse caminho às origens sociais, culturais, afetivas, epistêmicas.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No transcurso de novembro de 2020 a abril de 2022. A partir do curso de Licenciatura em Pedagogia mais especificamente no Núcleo Sabenças Passadas (NSP), em cumprimento ao Edital N° 034/2020: o quadro geral de compromissos dos residentes aprovados no processo seletivo em consonância com o referido edital segue-se acompanhar as reuniões de encontro entre os membros do Núcleo e o contato com os professores da educação básica de Itaberaba. Compreendendo os contextos relacionais educativo e cultural que são propostas do Núcleo para o desenvolvimento profissional e cívico. As turmas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental Anos Iniciais (BNCC, 2018) na integração dos professores em formação com profissionais da prática na complementação das carreiras acadêmicas e pessoais de vida.

A subjetividade e a formação da identidade foram objetivos de análise na descrição dos fatos narrados. O relato de experiência comporta as abrangências das vivências e reflexões realizadas no período e no programa em questão. A escrita resulta de uma análise de continua integração às reflexões posteriores ao processo na organização do que foi produzido e em diálogo com a literatura específica. O proposto obedeceu ao método de pesquisa qualitativa por responder ao que os objetivos apontados exigiam para a conclusão e sucesso das análises descritivas: identificar, selecionar, elaborar, analisar (SEVERINO, 2012) e (CERVO; BERVIAN; DA SILVA, 2007). A opção para o tratamento dos objetivos foi o método qualitativo de pesquisa. Porque

[...] diferentemente do que ocorre nas ciências naturais, o observador e o objeto observado compartilham a mesma natureza, e isso permite ao observador evidenciar os traços, as peculiaridades, as diferenças que separam os diversos objetos em estudo muito mais facilmente do que ocorre com o observador envolvido no estudo de objetos mais distantes no plano ontológico, que podem ser as rochas ou as partículas subatômicas. Se na redação dos tratados de geologia se dedicassem, não os geólogos da espécie humana, mas as rochas, muito provavelmente as rochas protagonistas daquelas páginas seriam pintadas com cores mais vívidas, emergiriam inimagináveis diferenças entre os exemplares que a espécie humana considera idênticos, nuances completamente inesperadas." (CARDANO, 2017, p. 25)

Os meios de registros de atividades, propostas, comentários e análises reflexivas pautaram-se em relatórios baseados em diário de campo, planos de aula e resumos dos encontros. No aporte teórico bibliográfico levou-se em conta livros, capítulos de livros, artigos e vídeos vivenciais com as temáticas: educação e cultura,

Pedagogia Griô, tradição oral, contação de história, escrita de si. Levando-se em conta as atitudes tanto dos momentos centrais expostos, e dos demais dias que possibilitaram abertura para refletir, analisar, dialogar com a literatura correspondente e escrever a partir dos incrementos dessa modalidade metodológica.

No processo da Residência Pedagógica (RP), conforme nas anotações de campo revelariam, nas produções partilhadas, na fomentação de buscas e contações de histórias. Um aprendizado que transcende os objetivos iniciais do Núcleo Sabenças Passadas (NSP), despertando formações subjetivas, identitárias, ancestrais:

Os processos de formação dão-se a conhecer pelo ponto de vista do aprendente, em interações com outras subjetividades. Os procedimentos metodológicos ou, se preferirmos, as práticas de conhecimento postas em jogo numa abordagem intersubjetiva do processo de formação, sugerem a oportunidade de uma aprendizagem experiencial através da qual a formação se daria a conhecer. Dado que todo e qualquer objeto teórico se constrói graças à especificidade da sua metodologia, também se passa o mesmo com o conceito de formação que se enriquece com práticas biográficas, ao longo das quais esse objeto é pensado ao mesmo tempo como uma história singular e como manifestação de um ser humano que objetiva as suas capacidades "autopoiéticas" (JÓSSO, 2002, p. 28).

A matéria das biografias de vida como parte da metodologia encontra-se nos registros, no diário de campo. Mas uma biografia não cabe inteira nas páginas de um texto. Uma parte das informações já transformadas em memórias retorna conforme ocorre a releitura e reescrita do material.

3 NÚCLEO SABENÇAS PASSADAS (NSP)

A seção visa apresentar de maneira pormenorizada em que contexto e sobre quais dinâmicas deu-se a criação e manutenção do Núcleo Sabenças Passadas (NSP); embora não pretenda explicar de maneira historiográfica mas utilizar dos pontos históricos a fim de lançar luz sobre pontos-chaves para o estudo do tema. O documento oficial de abertura do edital que possibilitaram o engajamento do núcleo e sua vida durante o período em que ocorreu, servirão também de sustentação às argumentações que se seguem.

3.1 O contexto histórico

Abrange a realidade em roda no transplante da filosofia da Pedagogia Griô com que se alimentou prática e teoricamente os princípios no leque geral do Núcleo: a África no centro, a ancestralidade dos povos originários, a contação de história como meio válido de pertencimento no mundo. Desafiados pelas constantes externas: sobretudo a pandemia do Coronavírus que impactou de maneira decisiva todos no mundo inteiro numa cruel pedagogia como evidenciou Santos (2021).

O Edital N° 034/2020 - CAPES, sofreu com o abrupto rumo que os acontecimentos no Brasil e no mundo tomaram a partir da expansão do vírus no final de 2020. Apesar das contingências, prorrogações e meios diferenciados de realização do projeto, as seleções e convocações enfim encontraram possibilidades válidas de êxito. Para a existência do Núcleo, representou um salto ao desafio, visto que as imposições restringiam o contato físico das pessoas.

Adotou-se em todos os campos o uso das tecnologias digitais da comunicação, como computadores e celulares (programas, aplicativos).

As adaptações, porém, não alteraram os objetivos específicos do Núcleo: estabelecer os saberes da tradição oral e da academia em uma postura democrática e não horizontal, respeitando o espaço do diálogo; divulgar as produções dos residentes do Núcleo; Conversar a respeito dos acontecimentos vivenciados em grupo e dos registros oportunizados; mediar a interação entre os estudantes do curso e os professores da região e comunidade

3. 2 O núcleo

O Núcleo Sabenças Passadas (NSP) é uma iniciativa acadêmica-prática na educação e cultura para ampliação das potencialidades da Educação de Qualidade, equânime, diversa, e popular, em parceria estreita com o Departamento de Educação do Campus XIII do Colegiado de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), a data de seu nascimento acompanha as pesquisas desenvolvidas no campo da educação e cultura em consonância com a Pedagogia Griô, e em resposta ao Edital N° 34/2020 do Programa de Residência Pedagógica (PRP). Exitoso empenho na busca pela efetivação do programa no Campus, e das propostas do Programa de Residência Pedagógica (PRP).

A abordagem do programa pauta-se pelo atendimento na complementação da formação dos professores das licenciaturas. Insere-se em um quadro maior com a

mesma finalidade em coordenar o trabalho docente melhorando assim a educação no país.

O aprofundamento das experiências teóricas e práticas desses estudantes estão entre os principais objetivos do programa (BRASIL, 2022). As interligações entre as esferas do governo federal e estadual correspondem a uma política de estado no fortalecimento da Educação Pública e de qualidade (TEIXEIRA, p. 40, 1968).

O parágrafo de início da explicação do que é o Programa no site argumenta:

O Programa de Residência Pedagógica é um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, que tem por finalidade fomentar projetos institucionais de residência pedagógica implementados por Instituições de Ensino Superior, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação inicial de professores da educação básica nos cursos de licenciatura (CAPES, 2022).

O Núcleo está centrado também nesse ponto de qualificação dos estudantes de licenciatura em início de convívio com os discentes da Educação Básica a partir da parceria com as Escolas-Parceiras. Esses espaços onde professores na prática pedagógica diária também abraçam os Residentes oferecendo preceptores, - professores das escolas selecionados pelo mesmo edital dos residentes para integrarem o Núcleo. Entrelaça-se aí professores das redes municipais, professores orientadores da rede estadual e/ou federal das Universidades, está no cerne do programa incluir os professores em transição da vida acadêmica das atividades teóricas para a prática da vida escolar (FREIRE, 1999, p. 30).

O introito e convite do Programa de Residência Pedagógica (PRP) da Universidade da Bahia (UNEB), esclarece que:

O Programa de Residência Pedagógica (PRP) é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e objetiva potencializar a formação do futuro professor, atendendo estudantes dos cursos de licenciaturas que estejam na segunda metade do curso. Trata-se de um Programa que prima pela imersão dos licenciandos na Escola Básica para o desenvolvimento de atividades de planejamento, acompanhamento, regência de sala de aula e intervenção pedagógica, sempre acompanhados pelo professor da escolas-parceiras onde as ações se desenvolvem e sempre orientados por um professor da Universidade Formadora (PRP, 2022).

O Núcleo, portanto, abraça e amplia a visão do programa no sentido de reconhecer desde a sala de aula do chão da Universidade (ainda que fora dela não estejam inseridos na prática) esses estudantes das licenciaturas como professores. As vivências práticas e teóricas dos encontros do Núcleo em sua gênese concordam

com a visão de sujeito subjetivo que constrói sua identidade a partir dos coletivos aos quais insere-se. O aprendizado, dentro dessa perspectiva, ocorre de maneira orgânica. Oportuniza-se o conhecimento de si na busca pelo profissional desperto, atento (JOSSO, 2002, p. 54).

Os sentidos de estudante, de aprendente, de aprendiz, não se dissociam do sentido de professor, pois este é sempre um aprendiz, visto que conforme ensina aprende, e ao aprender ensina (Freire, 1999). Jaz um salto epistemológico no que diz respeito a entender a complexa ligação entre quem aprende e quem ensina, quem teoriza e quem vivencia.

O Núcleo Sabenças Passadas (NSP) ganha maior compreensão de si mesmo enquanto grupo de estudo e atitudes pedagógicas quando integra no fazer dos residentes a síntese do que acredita:

Compreender as etapas e sentidos de cada ofício é tarefa principal do estudante aprendiz: mapear as lições, as infinitas trocas de informações e habilidades entre aqueles que compartilham com o (a) mestre (a) o trabalho. Acreditamos que essas experiências que “criam e recriam possibilidades de trânsitos e diálogos dos saberes” entre espaços de saber distintos precisam ser vivenciadas para serem compreendidas, estudadas e documentadas para, desta forma, comporem o repertório dos (das) futuros (as) pedagogos e pedagogas (MENEZES, 2020, p. 3).

Os pedagogos em formação já são professores em ação. Cumprem dentro do Núcleo a missão de encontrarem-se na vida prática dialógica da Educação em geral e na Escola de Educação Básica em particular.

3. 3 Sabenças passadas

As duas partes desta sentença conjugam uma ação que retoma o passado profundo, de saberes em geral legados por outras gerações: “sabenças” e a sequência “passadas”, tanto pode significar essa riqueza desconhecida dos aprendizados e conhecimentos gerados por outras pessoas e culturas, quando pode corresponder ao saber pelo qual se passa hoje, agora, ou seja, “saberes passados”. Saberes vividos no presente ou no pretérito. Os verbos obedecem não a gramática convencional Bangno (2015) mas um sentido que abarca outros do universo das palavras.

Abraça o poético sem afastar o rigor do método e da objetividade com o qual foi urdido na elaboração do Núcleo. A orientadora do projeto Izabel Dantas de Menezes na apresentação do Núcleo elucidou que o nome destinava-se ao sentido

de sabenças enquanto a experiência mesma dos mestres e mestras com seu ofício, – que tem relação com essa veia da ancestralidade falando através daquele ofício manual.

A busca pelas histórias a serem contadas durante os encontros em grupos, nas danças, nas cantigas, constituíram um exercício constante de empatia porque enquanto buscava-se uma história para ser contada formava-se o “entre lugar” da passagem do saber, do aprender com os outros. Os saberes passam durante as contações e vivências. Estão passando de um olhar para o outro de uma voz para a outra Caires (2015).

As ferramentas tecnológicas que poderiam representar uma antítese desse discurso dos sentidos do corpo e do espírito na definição empregada por Arendt (1974) de aprendizado constante, concorreram para seu êxito. Através de uma tela de celular, de um monitor de computador, reencontros com as histórias puderam acontecer numa releitura simbólica da fogueira em volta da qual os contadores contavam no passado suas histórias e ainda em algumas comunidades de tradição oral remanescentes, o sinal de wi-fi tão trepidante quando as chamas no seu lusco-fusco, - serviu-nos de fogueira.

4 ÁGUAS PARADAS, ÁGUAS PROFUNDAS

As histórias contadas e tecidas como fios de um tear se encontram, feito rios que deságuam em alto mar.

Márcio Caires

O título que abre essa seção foi entoado pela professora orientadora e mestra griô Izabel Dantas de Menezes, a quem peço a benção para dar início às palavras a seguir.

Uma série de recursos formatadores da proposta pedagógica deflagrada com sucesso: as rodas, as cantigas, as danças, o resgate da memória e com ela as histórias, merecem atenção para o entendimento de que aspectos dos ritos de povos da tradição oral foram sistematicamente incorporados pelo Núcleo Sabenças Passadas (NSP).

E por sua vez responsáveis pelos resultados aqui descritos.

O primeiro ponto a ser destacado é o caráter de ritual no sentido empregado por Hampaté Bá (2010, p. 177) de respeito aos pressupostos que a tradição evoca, assegurando a seriedade ao que se desenvolve em cada parte do ritual.

Rolando Toro (2002) desenvolveu a partir da biodanza uma série de propostas de reintegração afetiva, compreensão da condição humana, que enquadram muitos desses significantes:

[...] não é somente um conjunto de exercícios com músicas ou um sistema convencional de expressão das emoções, mas sim, uma nova visão da Vida, um processo de desenvolvimento humano, de integração da identidade, de transformações internas e desenvolvimento das potencialidades humanas. Trata-se de aprender a "dançar a vida" e descobrir o "prazer de viver" (TORO, 2002, p).

A obediência rígida aos passos dos rituais, porém, passam por adaptação similar, pois a cultura dos povos de tradição oral, seguem os ritos como força de lei que nada tem haver com a prescrita, e no que concerne ao desenvolvimento das atividades no Núcleo Sabenças Passadas (NSP) um dos princípios adotados obedeceu a elasticidade nos recursos que os ritos ofereciam.

Absorvendo deles como base os princípios vivenciais possíveis dentro de uma realidade separada por um oceano de distância e em contraste aproximada pela cultura marca viva da história brasileira Ribeiro (1995, p. 405).

Uma possível explicação para essas adequações é a própria natureza do programa adaptável às realidades brasileiras e regionais, Pacheco (2015, p. 57) no processo de formatação da Pedagogia Griô de quem o núcleo é afilhado nas práticas adotadas, que tem referências nas tradições orais africanas, explica que ao projetar na sua vivência enquanto pesquisadora, as perguntas, os fundamentos, para compor uma Pedagogia Griô buscou não uma cópia mas uma (re)identificação que unisse as culturas à caminhos epistemológicos contra-hegemônicos.

O abraqueiramento dos termos e das práticas de parâmetro para descrever os pontos anteriormente listados. Propiciadores de uma realização integral do corpo e da mente Toro (2002).

O mestre de "À sombra dessa mangueira" refletia sobre quanto o homem é completo ainda que por vezes contraditório:

A paixão com que conheço e com que falo ou escrevo não diminuem em nada o compromisso com que denuncio ou anuncio. Eu sou uma inteireza e não uma dicotomia. Não tenho uma parte de mim esquemática, meticulosa, racionalista, conhecendo os objetos e outra, desarticulada, imprecisa, querendo simplesmente bem ao mundo. Conheço com meu corpo todo, sentimentos, paixão. Razão também. (PAULO FREIRE, 1999, p. 23)

A concepção de ritual dentro do processo pedagógico ambientado em uma Residência Pedagógica (RP) oferece estímulos para uma formação profissional e humana fincada numa realidade educacional conciliatória, mas não acrítica, democrática, mas não subserviente. Abarca na formatação em roda, cantiga, contação, práticas vivas de reconexão com os povos de tradição oral que são remanescentes, resistentes dos povos originários. Freire (1999) retornava ao lugar de suas primeiras lembranças, pisando no chão de experiências que passadas ainda eram presentes.

4.1 A beira das margens.

Alguns pontos são iluminadores, assim entendê-los implica o sucesso na compreensão do todo.

A vivência em círculo de pessoas interessadas no objetivo de compartilhar, experienciar, encontra na roda que é uma constante nos povos de tradição oral, a possibilidade de estar um diante do outro. Os olhos nos olhos, as expressões visíveis a todos e assim quem está no centro da roda pegando a palavra aprende com aqueles que estão observando e também aprendendo com o centro.

A simbologia da roda vai além no sentido pedagógico e cultural ao abrir para a ancestralidade. Pacheco (2015, p. 87) diz que na roda aberta está a identidade, a ancestralidade. Os processos pelos quais os integrantes da roda tocarão nesses fios, terá em várias sequências oportunidade de através da excitação da memória ancestral o retorno às origens do saber ancestral que vive em cada pessoa.

A Pedagogia Griô é pois uma facilitadora no caminho vivencial de experiências ligadas à cultura que por sua vez está intimamente ligada à vida, primou por sua integração com o cerne do Núcleo Sabenças Passadas (NSP).

Os movimentos corporais, emocionais, e intelectuais voltados para além de um objetivo pragmático mas de vivência na pele, nos sentidos, olfato, voz, audição, visão, tato, a correlação desses procedimentos orgânicos da natureza humana coadunam-se com princípios internos de memória, pensamento, imaginação, sonhos.

[...] a dança da umbigada é uma divertida lembrança do quanto estar vivo no mundo é gostoso e o aprendizado faz parte dessa redescoberta dos sabores e sensações que o mundo ainda nós é capaz de revelar com um simples ficar em pé e empinar um pouco a barriga para a frente e para trás,

para frente e para trás. As vivências cada vez me fazem recordar os meus momentos brincantes com minha bisavó e minhas primas. [...] momento também em que "encantados" ouvíamos dela suas histórias geralmente envolvendo as águas dos mares (Diário de Campo, 2021).

A palavra que é dita em roda reverbera em todos os outros do círculo, ela ecoa de um a um.

O respeito pelo silêncio também está na palavra, sobretudo quando esta entoada através das cantigas de roda uma força de ascensão das chamas internas. A cantiga tem esse poder de centelha de vida, os corpos balançam ao som das vozes que erguem palavras ao contato compartilhado.

O silêncio das almas é a palavra encarnada e a cantiga por ligar-se aos sons do mundo e do interior de quem está cantando para os que a estão sentindo, ouvindo, dá início também a passagem de brincadeiras, de histórias, de ânimo e meditação juntos.

Uma cantiga anima em quem a percebe pelos vários sentidos, vida, fôlego novo; na Pedagogia Griô as cantigas nas vozes dos mestres griôs reacende o fulgor pela vida e pela imersão na ancestralidade. E com a mesma força com que uma canção faz as partes animarem-se por vezes num frenesi de corpos movendo-se no ritmo entoado, também deságua numa evocação do passado, sua música chama as vozes de outros que muito antes as entoaram primeiro e em circunstâncias várias. Em uma canção “saracuteia na teia da aranha que a aranha te pega... saracuteia pra cá, saracuteia pra lá, que a aranha tece a teia pra gente dançar...” cantada pela professora Adriana Oliveira no Núcleo Sabenças Passadas (NSP) ou em outra muito evocativa para a identidade do núcleo “... oh mãe, embala eu mãe, abraça eu mãe, cuida de mim...” transmitida ao grupo pela coordenadora Izabel Dantas e por sua vez aprendida de outro(a) mestre(a).

O eixo da palavra está relacionada diretamente com o poder que essa tem de iluminar o obscurecido, de consolar e ensinar, força de surpreendente absorção dos sentimentos e sentidos pedagógicos, culturais, o poder da palavra afirma-se bastando-se na voz do mestre griô a evocação dos mestres africanos, e de povos originários do Brasil.

A voz e a palavra instrumentalizam-se na forma: contação de história; narração ordenada de fatos em torno de um tema. As contações de histórias remontam há milênios e nas culturas dos povos originários é sempre uma oportunidade de transmissão de valores de conhecimento para as gerações mais

jovens (HAMPÂTÉ BÂ, 2010). Um mesmo povo pode ter várias histórias e cada uma delas conter informações que irão orientar a vida daqueles membros do ventre materno ao da terra, e ele a interioriza, porque essas histórias em forma oral, não necessita da palavra escrita para firmarem-se.

Segundo Hampaté Bâ (2010, p. 185) a palavra é forjada e desenvolve íntima ligação com a tradição de um povo, viva, criadora, o poder da palavra acompanha determinados manejos na confecção material de recursos para a vida daquele povo.

O Núcleo Sabenças Passadas (NSP) trouxe para a prática dos professores em formação a decantação da palavra enquanto ação, trabalho manual e entoado pelas mãos e pelas vozes.

As vivências seguem comovendo os corações porque nos despertam do nosso lugar comum e nos convoca ao exercício de estar em outro lugar: hoje a contadora de histórias buscou seguir uma linha de encantamento que evocou em todos a riqueza do povo nordestino, apresentou um termo novo pertencente a cultura nordestina o “mundéu”, feito com folhas do próprio bioma. No nosso caso utilizamos papel, cola, e tesoura para tecermos o pequeno vaso. Na história contada em torno do mundéu, um caçador desavisado colocou a mão em um mundéu alheio e acabou-se enlacrado no final da narrativa. Enquanto seguíamos as orientações de Valéria na confecção do mundéu, entoamos cantigas de roda (Diário de Campo, 2021).

A história nesse percurso é uma parte de algo maior dentro da reinvenção da roda da ancestralidade. A tradição oral transmite-se por meio das histórias e essas por sua vez vivem à medida que são contadas por uma pessoa, por um mestre da tradição oral.

Uma história não precisa passar nenhum ensinamento moral, religioso, cultural, em si mesma ela já ensina àqueles que a escutam e aos que contam. Os próprios gestos corporais, a voz, estão ligados a uma linguagem gestual que também ensina. Mas o vislumbre da Pedagogia Griô não encerra-se em um ato apenas, mas no processo, as contações de história são elos de uma rede maior que encontra culminâncias precisas na matéria da ancestralidade e no reconhecimento identitário: as histórias contam verdades sejam estas verdades: “um pé de árvore que gera em seu ventre um menino defensor da vida” ; ou reconta a vida de uma menina que sofreu e aprendeu com seu sofrimento apesar de todas as intempéries de uma sociedade opressora, sobretudo às mulheres.

Uma realidade parece fantástica e a outra real as histórias de tradição oral não vivem porém apenas dessa dialética construída ao longo do tempo que divide o mundo e os homens entre bons e ruins, verdades e mentiras, imaginação e fantasia,

alegria e tristeza. Em apenas algumas palavras de um mestre griô tudo isso pode estar vivo e dito de um fôlego só. A vida não vem por partes e subtemas bem separados. As histórias também não obedecem organizações rígidas.

A trilha Griô está imbricada em cada passo dos pontos para uma contação/narração/vivência das histórias. Segue abaixo uma descrição mais pormenorizada de como cada ponto dava-se nas dinâmicas dos encontros.

4. 2 Um espelho na superfície

O primeiro encontro do Núcleo Sabenças Passadas (NSP) aconteceu em um sábado pela manhã, formávamos então uma roda de conversas, onde dispomos nossas expectativas e ouvimos os objetivos do programa. Inicialmente, e nos encontros seguintes tornou-se uma constante, começamos por contar sobre nós mesmos, sobre o mundo à nossa volta, como que sentindo com os dedos dos pés a temperatura da água para então depois de testada nos aprofundar mais.

Víamos uns aos outros por intermédio de uma tela de poucas polegadas ao sabor da qualidade de rede. Ouvíamos com ruídos as vozes que aprendemos a reconhecer. Alguma vez mais tarde aconteceu de mesmo sem estarmos com os rostos na frente da câmera para todos, apenas pela voz já sermos reconhecidos, mas isso veio com o tempo. Ambientados com os meios, passamos a nos conhecer, a nos ler.

O encontro com o texto da Pedagógica Girô existiu nas práticas das reuniões na Residência Pedagógica (RP) desde o primeiro momento, mas a pessoa da autora em roda, em diálogo com o grupo, isto é a presença física ainda que mediada pelos meios tecnológicos de comunicação dividiu águas para o entendimento do que estávamos realizando. A clareza nos objetivos de trabalho já estavam postos na apresentação de Novembro de 2020 quando do início dos trabalhos: o abraço da academia com as escolas da região; o foco nas atividades mais voltadas às culturas; a importância da contação de histórias no percurso do aprendizado; a trilha da vida em consonância com as aprendizagens desenvolvidas ao longo do percurso discente desde as primeiras séries. E a explanação dos planos de apresentação para as contações de histórias também davam o sentido do que iríamos realizar dali para frente.

“Roteiro de apresentação”, “plano de aula”, “síntese das ideias gerais de uma apresentação”, muitos foram os nomes empregados para alinharem-se as bases das apresentações de contações de histórias e vivências partilhadas. Encontro o termo que melhor permite aproximação à Pedagogia Griô: Trilha Pedagógica Griô. Um apêndice no final deste trabalho trás além de um roteiro, a modelação de uma história contada. Na proposta a seguir.

Momento 1: O **encantamento** acontece durante a formação da roda no dia e hora marcada para o encontro. Embora, muito antes, quando da expectativa do que virá no porvir da contação forma-se um elo de confiabilidade cada vez mais engrossado na canção de chegada. A descontração, a brincadeira, empregam-se no envolvimento e no abraço em palavras com aqueles que se aproximam da roda. Ainda que online, foi possível realizar brincadeiras com cantigas alterando-se por exemplo “massariquinha na beira da praia” trocando o sujeito por um nome que pertença ao grupo.

A seguir vem a **roda de benção** meio pelo qual a memória ancestral recebe dos lábios e dos corações salvas de pedidos de licença, de reconhecimento por aqueles que primeiro viveram a contação da história diz-se “eu peço a benção” e o nome do mestre (a).

O **convite** é a transição do campo sensorial externo para o interno evocados pelas palavras das bênçãos, buscamos através dos olhos fechados, o resgate ao coração das memórias de uma figura mais velha. O contador evoca palavras, instiga para pôr por baixo de cada lapela de olhos baixados imagens do rosto amigo, da voz daquela figura do passado. E como se imergissemos depois de um mergulho até o fundo de uma água muito profunda, voltamos à superfície trazendo alguma coisa, para o contador é a hora de apresentar o **símbolo** este introduz a história que não nasceu de outro lugar que não o próprio interior do contador. A mesma voz conclama para que todos examinem-se e afirmem-se em suas identidades “Eu sou ...” e diz-se o nome como uma assinatura não-escrita, oral.

Momento 2: A **vivência** reforça a roda com uma integração ainda mais afetiva porque mescla partes do momento anterior. Como o resgate de uma característica do mestre reverenciado pela memória, agora trazia para o grupo. Uma brincadeira, uma dinâmica, conciliam esse aspecto resgatado e o entrega para os demais estreitando a ideia da circulação. A **dança** desdobra outro lado desse segundo momento, tanto pode vir nos movimentos mais comuns de braços, cabeça, cintura,

pernas, como num simples balançar de um lado para o outro. É ainda o sentido da dança da vida Toro (2002), movimento que nos integra na felicidade de estar vivo.

Momento 3: Na **roda de embalo** é a transição das cantigas de tradição oral aprendidas pelo mestre (a) com quem se aprendeu. Dizendo seu nome para os demais “essa cantiga aprendi com mestre (a)...”, há também abertura para uma roda de memória, de evocações, de contações de causos. Pois é nesse momento que o contador de histórias vai usar do poder da palavra mais uma vez concentrando-se em narrar uma história. Com o símbolo em mãos, o contador retorna trilhando os passos das rodas anteriores, dos momentos anteriores. O grupo está numa espécie de temperatura ambiente para não sair do fio narrativo com o qual teço as palavras desse trabalho, o grupo fica assim num estado de quem acostumou-se à água do rio que no início arrepiavam os poros. Agora sua tepidez convida a não sair dela enquanto o contador não desvelar seu conto.

Momento 4: O compartilhamento das sensações engajam-se na construção da **produção partilhada** que tem haver com algum elemento ligado à história narrada. É momento de diálogo, de produção com as próprias mãos. O contato manual com esse tipo de produção faz a roda continuar em movimento, e a palavra está mais uma vez à disposição dos que quiserem o sentirem a necessidade de expressá-las. Por fim as cantigas podem circundar o momento. E no seu termo uma cantiga de despedida:

*Adeus meus irmãos, adeus
Adeus que eu já me vou,
Na mesma barquinha que me trouxe,
É na mesma barquinha que eu vou.*

A benção Márcio Caires que ensina essa cantiga que por sua vez aprendeu do mestre (a) Pedrina de Lençóis - BA.

Descritos esses pontos que orientam uma contação de história dentro do Núcleo Sabenças Passadas (NSP), volto-me para das experiências vivenciadas.

Mas cabe focalizar esse momento em que recebemos a visita de Lilian Pacheco no chão de nossas vivências, pois o texto encontrou a voz, a firmeza que já conhecíamos no desenvolvimento das atividades com a coordenadora do Núcleo: Izabel Dantas de Menezes, e com o auxílio das preceptoras Adriana Oliveira, Valéria Rocha e Gleyce Assunção, ficou ainda mais em evidência. Ao todo foram duas semanas de atividades realizadas com Lilian Pacheco e uma parte com Márcio

Caires, assim diante de nós com uma generosidade que suplantou as distâncias - pois todos os momentos realizaram-se via mediação tecnológica, com internet oscilando, iluminação dependendo da rede, - os mestres interligaram conosco uma comunicação de muitas gerações anteriores, irmanadas pela tradição oral.

Às quatro e meia daquela terça feira de sol, buscamos através do link da nossa sala no Microsoft Teams a rede de acolhimento que aprendemos a abraçar, lá as cantigas de “chegança” já estavam soprando as brasas para a fogueira de mais logo. Aplaudimos os festejos com os quais nos receberam na sala e recebemos com mais aplausos o mestre Márcio Caires, primeiro a dar início naquela roda de contação. Sua história vinha de muitos anos atrás, e nós falava a respeito de saberes ligados à figura da avó, do ensinamento que nós meninos que somos diante de todo saber ancestral recebemos às vezes e como no caso da história, sem saber “... e eu via ali como em um sonho a figura dela, e suas palavras vieram até mim...” Márcio (mestre girô).

As dele também nos tocou e despertou em nós as lembranças ternas, felizes, outras menos felizes de nossa ancestralidade. Após cantar e contagiar-nos com sua música, também fazendo que todos abrissem as cameras para que fosse possível um contato mais estreito, compartilhamos sensações, aprendizagens a partir da história.

“Este silêncio profundo se repetiu posteriormente em diversos rituais e vivências em aldeias com crianças e Griôs Mestres, [...] no meu corpo, no meu movimento, na minha palavra, no meu sangue a continuidade da rede de transmissão oral (CAIRES, 2013, p. 103).” Eis um ponto para ser salientado de parte da experiência relatada, o contato direto, durante as realizações das contações e vivências com esse ser em nós. Os fragmentos dentro de nossas camadas de anos, meses, dias, horas, minutos e segundos desde o nosso nascimento até o ponto onde nós encontramos no mundo. Recebem uma compreensão menos tensa, desvinculada de complexos comuns a modernidade, retornamos a roda de conversa, ao olho no olho.

A fogueira permaneceu em nós e em seguida Lilian Pacheco trouxe vivências também para o corpo, aí com a cantiga de tradição oral da “umbigada”. Onde ficamos de pé diante da camera e percebemos o espaço, o contato de nossa pele com a luz e com os sons à nossa volta, suas palavras nos embalavam, era como se estivéssemos passando daquela fogueira de histórias e experiências de vida das

cantigas de Márcio, para os braços tépidos de uma água que nos ia conduzindo para dentro de recantos de nós mesmos.

Ouvimos o ventre de nossas recordações nos chamando para dentro, cada vez mais para dentro até a agitação da vida que exige um escape. Um momento de explosão, lá estava a música dançante, os saltos, os giros, o olho no olho.

Acordados pelas duas vozes e por tantas outras que nos foram guiando de volta para a experiência que estávamos imbricados.

O vínculo com o profundo de nós e de nossa ancestralidade abriu-se numa constante, aqui faço uso de analogia, comparando com as correntes de uma cachoeira, a cada vivência do corpo, das cantigas, do compartilhamento, íamos subindo rios, descendo por cascatas de água, em movimento ainda quando parados. Assim as cantigas não eram mais canções de voz e peito, o movimento do corpo, o desenvolvimento das emoções passaram por uma sensação de busca de retorno, como uma cachoeira em algum ponto de uma mata, incógnito pelas copas das folhas, pelo sabor dos ventos carregando o som de um lugar para o outro. Escutamos a queda d'água em algum lugar e seguimos até encontrar primeiro a nascente do rio, e não sabemos a não ser quando já diante da cachoeira se estamos lá em cima, ou cá embaixo na queda.

Para nós professores em formação a experiência concentra uma forte tendência de quebra com conceitos pedagógicos tradicionais do ponto de vista acadêmico do prescrito, na trilha apresentada seguimos como a própria autora evidencia “No lugar da música universal, os cantos e cantigas tradicionais, no lugar da dança, as danças, brincadeiras e dramas tradicionais e no lugar das emoções, os sentimentos identitários de pertencimento da comunidade onde atua (PACHECO, 2013, p. 91).” Ainda vestidos por uma série de aprendizagens de formação livresca mas também vivencial no ceio de nossas tribos sociais, nem sempre se mostra possível encontrar esses conceitos. De tal forma que o processo é mesmo uma entrega completa na busca de caracteres da nossa identidade Josso (2002).

Aprendemos o silêncio que se impõe no mundo de muitos ruídos e muitas sensações, nos lugares onde muitos de nós, eu inclusive, nunca suspeitei conhecimento válido Freire (1999). A validade dos conhecimentos ditos clássicos também passou pelo crivo de uma sabedoria antiga, ancestral.

Em minha ânsia de participar, desrespeitei o momento de silêncio criado pelo grupo após a vivência orientada pela mestra Lilian, e coloquei como argumento para

basear uma ideia a validade do pensamento Grego na certificação da oralidade equiparada ou muitas vezes ultrapassando o escrito. Fui buscar nos gregos e Lilian Pacheco percebeu o fio de raciocínio por baixo daquilo e questionou “por que os gregos? quando há milênios os povos africanos, por exemplo, já utilizavam o discurso oral?” sua ponderação restituiu o silêncio que o momento pedia. Abortado não estava a utilização dos mestres gregos, mas a assunção do lugar da cultura matriz para nossa população brasileira como destaque frente ao que vivenciamos nesse chão marcado pela história de nossos ancestrais.

Mas também compreendemos cultura como descoberta do nosso ancestral selvagem quando revela e incorpora novas categorias de movimento e gestos ao caminhar, dançar e lutar; quando amplia e diversifica a expressão do instinto animal, conecta-se olhos nos olhos e reflete-se no outro, descobrindo a subjetividade, a inter-subjetividade, as emoções e os sentimentos; quando se agrega e se separa em rituais e fazeres para enfrentar os grandes desafios e medos da humanidade fazendo história, sonho e loucura do seu dia a dia; quando derrama suor no labor neurofisiológico psicomotor e social de inventar e usar ferramentas com habilidades que canalizam os potenciais da natureza; quando resiste e re-existe criando símbolos, mitos, significados, linguagens, ciência e consciência de si, do outro e de seu lugar no mundo (PACHECO, 2015, p. 29)

Avivado estava na voz de Lilian a busca pelos fios que tecem o nosso tear, passam por nós, conduzindo experiências e refletindo em cada movimento de corpo e mente, de postura no mundo, de esvaziamento da nossa identidade por outras culturas, outras realidades. Restituir à mãe preta o saber de um passado violado, esquecido, pisoteado por uma história que não nos pertence. Mas também restituir outros membros dessa ancestralidade formadora.

Rompeu-se para mim uma barreira com as aprendizagens de outros momentos acadêmicos da minha formação. Ainda estava no processo de reavaliação dos conceitos que aprendera desde os primeiros anos de ensino médio: concentração, eficiência, rigor, potencializados pelos de Universidade não muito distantes da mesma preparação cartesiana. A sua diluição em um universo de possibilidades diferentes e mais próximas ao chão de meu lar assustou-me.

Em parte a literatura sustenta que esse processo de construção de uma identidade que apenas se encerra no termo da vida, pode ou não conectar-se com essa maneira de ver o mundo proposto pelos ensinamentos da Pedagogia Griô, - cujo termo é vasto e merece uma explanação mais ampla. Entretanto para Caires (2013) que visitou comunidades Griôs na África, a imersão na cultura dos ancestrais

de África, dos ensinamentos dos mestres de além-mar, não deterioram, senão conecta, nossa experiência ancestral com aquela outra que veio arrastada a unhas nos navios negreiros, pelo colonizador. Existe ligações históricas, ligações culturais, afetivas inclusive, que propiciam sentido no que parece à primeira vista emaranhado.

4. 3 Mergulho no reflexo de mim

*Minha avó não deixava a gente beber água parada, por isso acordava antes de nós e agitava o pote de água.
Karina (colega de residência)*

No sub-capítulo anterior descrevi mais uma parte no mosaico da experiência relatada, em que no mês de agosto de dois mil e vinte e um o grupo Sabenças Passadas contou com a presença de Márcio Caires e Lilian Pacheco através de uma roda online, ao vivo. Os ritos de abertura da aula-encontro-vivência-roda seguiu os pontos da trilha pedagógica anteriormente esmiuçada: cantiga de chegada, roda de benção, cantiga que brinca, cantiga que nina, contação de história. Lilian apresentou uma comovente história de “saber ancestral que salvou a vida de uma mãe e seu bebê”, aqui peço a benção de Lilian, para descrever um pouco daquela história e de como a partir dela a figura da avó ancestral guiou-me num reencontro epistemológico.

A história narra como o ventre humano esconde e revela surpreendentes saberes.

O despertar da figura das avós acordou em mim lembranças de histórias que eu já ouvira de minha bisavó materna.

As histórias também de vida mesmo dos meus avós arvoraram por encontrar-me. Antes ainda por curiosidade ociosa ouvia de minha avó paterna, histórias de vida da família, do êxodo rural que aconteceu nas proximidades de Itaberaba nas décadas de sessenta, alcançando os anos noventa do século passado.

O modo de aprender e ensinar da lida no campo e de casa, as lições em turmas multisseriadas que alguns padres da Igreja Católica faziam chegar nas comunidades mais distantes do interior rural de Itaberaba, tudo isso minha avó paterna me contava para “distrair os ouvidos”. Outras eram as histórias de minha bisavó materna: chegara de Morro do Chapéu no começo dos anos trinta do século

XX, “tangida” pela seca, com medo dos cangaceiros. Ela porém calava sempre em falar de seu passado, de sua vida pessoal e familiar. Era pródiga em nós contar histórias, histórias do mar, sim, geralmente passadas em Salvador, mas também haviam alguns recortes de “doidices” passadas no interior. Assim aprendemos que nem todo mundo pode comer o sangue de galinha, ouvíamos que toda a vez que fossemos entrar no mar devíamos ter muito respeito, porque tinha uma dona.

A medida que as vivências no chão da Residência foram avançando, essas memórias se tornaram brasas vivas, os contos, os causos, não eram, nem de longe, descobri através dos estudos e dos encontros em roda nas vivências grãos, “doidices” como minha bisavô, minhas tias e primos pensavam.

Esse material de riqueza que à primeira vista parece tão subjetivo é uma herança epistemológica.

Os pequenos encontros em grupo, formaram um maior, interno e de identidade do Núcleo. Os elos de reuniões, de ciclos das histórias, das vivências e símbolos, sobretudo os símbolos, reacenderam memórias de mestres, “heróis do cotidiano” que fizeram parte da nossa estrada enquanto seres humanos no mundo, e ancestrais. No carrilhão de lembranças reencontramos as figuras dos mais velhos, respeito que a ancestralidade fundamenta e pela qual respira.

A culminância dos encontros com Lilian Pacheco, nos levou para uma prática vivencial ainda mais aprofundada: resgatamos sentidos do passado, infância, adolescência; momentos recentes ainda frescos de alguns anos, alguns meses antes; e as figuras das matriarcas foram moldando a veia feminina do grupo como um todo. E despertou-nos para aprendizagens fora do catálogo comum às ciências, pequenas coisas aprendidas no seio da família em comunidade e que para muitos de nós, no meu caso em particular não representavam em primeiro plano algo de valor para além do emocional.

A figura de uma sabedoria oficializada enraizou-se em mim num estereótipo, que não incluía as figuras dos mais velhos, avós, pais, mestres do saber popular.

Configura uma epistemologia inversa daquela que se dá nos espaços da cultura hegemônica, dos incluídos, sendo esta uma cultura racional, que cultua o indivíduo, de dominação da natureza e da tradição escrita. (PACHECO, 2013, 31)

O doutor laureado pelo seu canudo não é mais nem menos sábio na economia do conhecimento universal que uma mestra ou mestre de tradição popular, em que pese saberes diferentes, que não devem ser hierarquizados. Há valor

inquestionável no que se escreve, mas isso não altera o fato do poder da palavra falada, da tradição oral. Esse é um sentido apagado de nosso percurso enquanto estudantes e seres humanos, negamos por vezes a obviedade, algumas práticas do cotidiano quando recebem a lupa das pesquisas investigativas hegemônicas revelam-se também para os moldes das ciências modernas status de efetivo saber. Porém, há séculos são saberes passados de geração para geração que a ancestralidade muito antes dos processos científicos, ratificou.

Reitero que o valor do saber ancestral prescinde do aval acadêmico. O abraça porque conciliatório, porque soma, porque não se coloca acima apesar de vir sempre antes. Entretanto seu posicionamento está bem definido na luta ativa das comunidades de culturas populares dia-a-dia, a sua perpetuação, a sua sobrevivência são analisadores em constante mudança. A tradição oral, nós recorda Pacheco (2015) está ligada em uma rede de posicionamentos políticos, culturais, de afirmação no mundo e na sociedade.

As trilhas pedagógicas que foram construídas ao longo do Núcleo Sabenças Passadas (NSP) desmancham qualquer ideia de superioridade e inferioridade, graus de importância e equivalência, enfim, a hierarquia dos conhecimentos. Bourdieu (2002) utilizou essa expressão para opor ideias de hierarquia do saber em sua sociedade; de competições entre este ou aquela forma de saber, de entender o mundo e os outros. As correntes pedagógicas que baseiam a Pedagogia Griô congregam com ela conhecimentos e forças para uma luta que se faz no dia-a-dia no chão das experiências e dos povos, disso emerge a sua ação cotidiana na vida escolar.

O enriquecimento das práticas vividas e acompanhadas com as preceptoras nas escolas da educação básica, representa um dos principais resultados de todo meu trajeto no programa do Núcleo Sabenças Passadas (NSP). Desejar uma prática mais humana e social de integração entre o discurso de um comportamento crítico, cultural, plural, com os sentidos pedagógicos voltados para o respeito aos corpos no mundo, as subjetividades, perpassa por uma prática que adeque, que permita e projete caminhos.

As contações de histórias, as rodas de conversa, integração, diálogo, saudação da vida, por um lado estendem diante do professor em formação possibilidades de ação, de salto epistemológico de um discurso teórico para a vivência na prática do contato, e apesar dos recursos tecnológicos de comunicação,

que poderiam por conta das contingências de época, terem obliterado os trabalhos nesse caminho pedagógico, antes somou a ele, a roda íntegra. O que chamo aqui nesse relato de reencontro ou reconexão com minha ancestralidade, não está de maneira nenhuma desvinculado com os aspectos de formação da minha prática.

Em ação está o que vinha aprendendo ao longo do curso de Licenciatura em Pedagogia. O caminho trilhado desde o primeiro semestre, conhecendo e debatendo com as ideias de autores clássicos na pedagogia brasileira e no mundo, encontram vazão na prática de uma vida escolar enriquecida por projetos de interlocução com as escolas, e conosco mesmos. Esse percurso na universidade, por vezes pode criar diante de nossos olhos algumas nuvens, alguns pontos de pouca clareza, daí a necessidade do vivencial, do conhecer-se a si mesmo. O contraste entre uma sala de aula, uma prática em que são incluídos conceitos de educação dos mais plurais, com aquele antigo modelo mecânico e autoritário pelo qual a maior parte de nós viveu durante os anos de formação básica, passa por várias camadas de rompimento que não se encerram com o curso concluído.

A prática, o contato com os professores que estão em campo aberto e como nós já passamos pelo curso de Licenciatura e agora atuam, interessados (as) em uma pedagogia de adequação e não repetição, é para além de salutar, libertador. O pedagogo em formação encontra o texto vivo nos planos que os professores elaboram em suas salas de aulas, nas atividades elaboradas, no dia-a-dia das salas, no contato com os alunos da rede de educação básica. Mas para isso foi preciso antes mesmo do entendimento da teoria essas dimensões de práticas voltadas para uma proposta diferenciada, não exclusivista, não autoritária.

As experiências que enriqueceram meu cabedal de conhecimentos a cerca da minha profissão, foram implicados pela redescoberta de pontos da minha vida enquanto ser humano no mundo. Mais uma vez fui convidado nas rodas de conversa e contação de histórias, nas cantigas, depois na elaboração e apresentação dos planos preparados por mim e pelos meus colegas residentes, representaram no meu caso, uma aproximação com a ancestralidade, com aquela parte do meu processo formativo que eu não reconhecia.

À luz da Pedagogia Griô reconheço que os caminhos para o exercício na minha vida intelectual, humana e profissional estão imbricados com as minhas raízes, neles há conhecimento rico e validado. Senão por uma literatura escrita, pela tradição oral.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas de fomento como a Residência Pedagógica (RP), em conjunto postulados como os da cultura popular, tradição oral, fundamentam na vida dos docentes em formação e das pessoas que participam rico material humano, intelectual. O caminho percorrido em uma atividade prática na área das ciências humanas revela no percurso a partir da lupa das reflexões um conjunto de conhecimentos que num período curto de tempo podem passar despercebidos. Na educação o retorno às experiências de ação didática conduzem reflexões importantes na melhoria e no resgate de práticas, conhecimentos, e memórias vitais para um processo educativo - refletir a ação em diálogo com as vivências e anotações. Assim, no uso de princípios da Pedagogia Giô dentro da Residência Pedagógica (RP) que norteou práticas educacionais de redirecionamento dos participantes às práticas vivenciais de autoconhecimento, respeito à vida, e as diversas epistemologias. A pesquisa em tela logrou expor em linhas gerais como desenvolveram-se essas atividades e por que meios possibilitaram o retorno a conhecimentos epistêmicos ligados a tradição oral e cultura popular. A pesquisa alcança seu objetivo ao detalhar os processos pedagógicos de identidade, subjetividade, que as constantes imersões em contações de histórias, na sua busca, nos rescaldos de memórias afetivas, o diálogo com os postulados teóricos. O campo da educação enriquece-se a partir de buscas interiores e diálogos exteriores com a sociedade e com aqueles que a pensam. O campo da pesquisa acadêmica, por vezes, compreendido como árido, mostra-se em outra face agregador de conhecimentos outros, linguagens outras que não as suas tradicionais. Aos pesquisadores e no que tange aos professores em específico a pesquisa estendida à vida pregressa de conhecimentos nunca antes surpreendidos como tais no âmago das relações familiares, histórias de vida, memórias, contações de histórias, relatos pessoais, mostram-se fecundos para a humanização do profissional. O seu pertencimento de origem pode conservar-se e mesmo enriquecer-se com aquilo que a academia tem de melhor, a diversidade de epistemologias, por isso mesmo de experiências.

6 REFERENCIA:

ARENDRT, Hannah. A grande tradição. In: **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Editora Perspectiva, p. 221-247. 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BAHIA. Edital N^o 034/2020. Universidade do Estado da Bahia, UNEB. In: Reitoria. Salvador, 24 de Setembro de 2020.

BAGNO, Marcos. Linguagem, metalinguagem ou epilinguagem? In: **Preconceito Linguístico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BOURDIEU, Pierre. As contradições da Herança. In: **Escritos de Educação**. Tradução por: Magali de Castro. Petropolis RJ: Vozes, 2015.

CAPES realiza seminário sobre Pibid e Residência Pedagógica. gov.com Ministério da Educação, Brasília, 07 de Março de 2022. Disponível em: <[CAPES — Português \(Brasil\) \(www.gov.br\)](http://www.gov.br/capes)>. Acesso em: 11 de Junho de 2022

CARDANO, Mário. A pesquisa qualitativa. **Manual de Pesquisa Qualitativa: a contribuição da teoria da argumentação**. Tradução de: Elisabeth da Rosa Conill. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

CAIRES, Márcio. Caminhada de iniciação de Márcio Caires na África do Oeste. São Paulo: Diversitas, set. 2014/ mar. 2015.

CERVO, A.L; BERVIAN, P. A; DA SILVA, R. Metodologia Científica. 6^aed. São Paulo: Pearson, 2006.

DURKHEIM, Émile. Educação e Sociologia. Tradução: Maria de Fátima Oliva Coutto. São Paulo: Hedra, 2011.

FREIRE, Paulo. A educação e o processo de mudança social. In: **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1979. ed. 38^a. 2018.

_____. Ensinar não é transmitir conhecimento. In: **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. ed. 55^a. 2017.

_____. Solidão-Comunhão. In: **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Paz e Terra, 1995. ed. 11^a. 2015.

HAMPÂTÉ- BÂ, Amadou. Tradição Viva. In: História Geral da África I. ZERBO, J.K. (Org). Brasília: MEC/Unesco, 2010.

JOSSO, M. C. Experiências de vida e formação. Lisboa: Educa, 2002.

MATOS, G. A. O ofício do contador de histórias. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

PACHECO, Lilian. A pedagogia Griô: educação, tradição oral e política de diversidade. São Paulo: Divesitas, set. 2014/ mar. 2015.

Programa de Residência Pedagógica. gov.com Ministério da Educação, Brasília, 09 de Junho de 2022. Disponível em: <[Programa de Residência Pedagógica — Português \(Brasil\) \(www.gov.br\)](http://www.gov.br)>. Acesso em: 15 de Junho de 2022

SANTOS. B. S; MENESES. M. P. Introdução. In: **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A cruel pedagogia do vírus. Coimbra: Edições Almedina, abr. 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Pesquisa na dinâmica da vida universitária. In: **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. As modalidades de trabalhos científicos. In: **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2012.

SOARES, Magda. Metamemória-memórias: a travessia de uma educadora. São Paulo: Cortez, 2001. ed. 2ª.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação e o mundo moderno*. 2ªed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1977. 245p.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação é um direito*. 2ªed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. 221p.

TORO, Rolando. Sistema Rolando Toro. International Biodanza Federation. Disponível em: <[IBF – International Biodanza Federation – Sistema Rolando Toro – International Biodanza Federation – IBF](http://www.biodanza.org)>. Acesso em: 15 de Maio de 2022.

VIGOTSKI, L. S. Pensamento e Palavra. In: A construção do pensamento e da linguagem. Tradução: Paulo Bezerra. 2ªed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2001.

7 APÊNDICE

ROTEIRO DE APRESENTAÇÃO: "IARA MÃE 'AGUA"

MOMENTO 1 - *Encantamento:*

- Trilha sonora oceano.
- Evocar essas memórias ligadas à família.
- Música:

MOMENTO 2 - *Vivência:*

- Convite a pensar em nossas memórias sobre água.
- Brincadeira:
- Pedido de bênção aos mais velhos.
- Contação de história: Iara Mãe d'água

MOMENTO 3 - *Produção Partilhada:*

- Construção de um barquinho de papel.
- Rosa de papel para colorir.

Playlist: Músicas praieiras.

- Socialização das produções.
- Canção de despedida.

HISTÓRIA CONTADA:

Dizem que um velho pescador acostumado às bramuras do mar, um dia enganou-se com a coloração do céu, e decidiu colocar seu barco à correr.

Todo mundo sabe que água quando se junta à esquerda formando nuvens no céu, logo termina em sereno.

Mas quando formam à direita, é sinal de tempestade. Essa era uma verdade muito conhecida na antiga Bahia, no mês de Fevereiro piorava.

As chuvas em Salvador sempre despencam e são terríveis mas abrandam em um sol clarinho e fustigante.

O homem já estava em alto mar e não via nem a Ilha dos Frades nem a costa branca da praia de Salvador. O azul celeste estava marinho no firmamento. E o pescador rasgando sorrisos para o peso na rede que puxava para dentro do barco.

Trouxe para dentro porém a rede furada e apenas coberta por algas. Num repente os clarões caíram sobre o mar.

Um vento assobiava em seu ouvido e o frio percorreu suas costas. O pescador equilibrava-se bem porque experiente não se deixava escorregar com facilidade mas os clarões e ribombos no céu o acossaram.

Foi uma onda dessas que empurrou o barco levando-o quase a pique, o pescador caiu no mar. Como capoeira que só cai em pé, o pescador caiu nadando. Conseguiu se manter às braçadas. Afundou mergulhando. Contou depois que deixou de ouvir o rugir furioso do tempo. Apenas entrevia os clarões por cima da cabeça afogada.

Tentava agarrar-se ao barco e voltava a cair no mar para o silêncio das profundas águas.

Nesse momento de protração ouviu como uma flauta no meio da turba de trovoadas. E sem impulsionar as pernas sentiu algo lhe empurrando para cima.

Agarrou a borda do barco que oscilante não fora longe.

Não parou porém de sofrer empurrões e investidas das ondas e ventos.

Quando já encontrava-se novamente dentro do barco outra vez a onda que o trouxera voltou a derruba-lo no mar.

Dessa vez a voz de flauta cantou mais veloz e pela primeira vez o velho pescador desejou não sair de lá. Envolvido que estava pelas águas e pelo som.

Outro relâmpago seguiu-se e a voz ganhou força. O pescador tentava recuperar o barco quando um clarão revelou uma imensa cabeleira negra que passou por suas costas.

A voz então cessou com os rugidos no céu e entoou:

É doce morrer no mar

nas águas doces do mar

é doce morrer no mar

nas águas bravas do mar

O peito do velho pescador pulsava de uma forma que nem a tempestade conseguia explicar porque tempestades já vira muitas mas aquela voz calou fundo em sua alma. O homem temeu.

Tremendo gritou-lhe:

Nossa senhora da praia

Mãe d'água

salve este velho pescador...

Ele repetiu o clamor ouvindo a voz de mulher romper os estrondos lhe dizendo:

É doce morrer no mar

nas ondas bravas do mar...

O pescador já pendurado com metade do corpo dentro do barco, assustou-se com um clarão, e viu nesse pedaço de dia a cabeleira negra densa, volumosa, e uma cauda de peixe que sumiu-se e voltou a aparecer do outro lado da embarcação. Era uma mulher de peito livre brilhante, sem mostrar, mostrando, disse-lhe: “ velho pescador teu pai me trazia rendas, perfumes, promessas, cantigas, espelhos, e flores mui lindas, quedê filho de pescador, meus presentes?”

São e salvo de volta à praia o homem só pensava no dois de Fevereiro que deixou passar sem levar os presentes a mãe d'água. E seu velho pai, pescador também, embora já não soubesse mais nada do mar, sempre lhe recomendara: “ o buquê de Iaiá Lara deve sempre pagar, com gosto comprar perfumes, joias e as mais belas rosas, porque no aperto do mar é ela que nos vem salvar”.

